



## “O PIONEIRO DA ECOLOGIA”: A CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS SOBRE HENRIQUE LUIZ ROESSLER\*

Elenita Malta Pereira\*\*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

[elenitamalta@gmail.com](mailto:elenitamalta@gmail.com)

**RESUMO:** O enfoque deste artigo é a construção das memórias sobre Henrique Luiz Roessler (1896-1963), um importante agente pela proteção da natureza no Rio Grande do Sul durante os anos 1930-60. Meu objetivo é compreender como as memórias a respeito de Roessler foram constituídas, por quais agentes e se houve disputas nesse processo. Através da análise de documentação que sobreviveu em arquivos, foi possível constatar que este processo foi iniciado pelo próprio Roessler, ao se autodenominar “pioneiro da proteção à natureza no Rio Grande do Sul”, expressão esta que é transformada por amigos e admiradores, após sua morte, em “pioneiro da ecologia” no Estado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Henrique Luiz Roessler – Construção de pioneiro – Construção de si – Ecologia – Memória.

**ABSTRACT:** The focus of this article is the construction of the memories about Henrique Luiz Roessler (1896-1963), an important agent for the protection of nature in Rio Grande do Sul from the 1930s to the 1960s. My goal is to understand how the memories about Roessler were constituted, by what agents, and if there was disputes in this process. Through the analysis of documentation that survived in archives, it was possible to find that this process was initiated by Roessler himself when he deemed himself a “pioneer for the protection of nature in Rio Grande do Sul”. After his death, this expression was transformed by friends and admirers into: the “ecology pioneer” of the State.

**KEYWORDS:** Henrique Luiz Roessler – Construction of a pioneer – Construction of self – Ecology – Memory.

Na estrada entre Farroupilha e Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, em 10 de maio de 1952, ao passar pela Ponte de São Pedro, o jipe de fiscalização do Setor de Caça e Pesca derrapou e saltou de uma altura de oito metros, caindo no leito do rio. O

---

\* Este artigo é uma versão reduzida e bastante modificada de capítulo de minha dissertação de mestrado intitulada **Um protetor da natureza: trajetória e memória de Henrique Luiz Roessler**, desenvolvida sob orientação da professora Regina Weber e financiada com bolsa do CNPq, defendida em 2011, na UFRGS. A pesquisa utilizou documentos dos seguintes arquivos: Arquivo Privado de Henrique Roessler (APHR), em São Leopoldo; Arquivo Privado de Augusto Carneiro (APAC), em Porto Alegre; Arquivo Privado de Kurt Schmeling (APKS), em Novo Hamburgo; Museu Visconde de São Leopoldo (MVSL).

\*\* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Bolsista Capes.

veículo levava o motorista e Henrique Luiz Roessler (1896-1963), Delegado Florestal Regional e Fiscal de Caça e Pesca. Com a queda, o Delegado teve o pé direito totalmente esmagado.<sup>1</sup> Após “dores horríveis”, Roessler teve que amputar o pé e substituí-lo por uma prótese mecânica, que permitiu a continuidade das fiscalizações, meses mais tarde, quando voltou à ativa.

Nomeado Delegado Florestal do Serviço Florestal em 1939 e Fiscal de Caça e Pesca em 1944 – cargos vinculados ao Ministério da Agricultura – Roessler exerceu fiscalização rigorosa sobre o desmatamento, a caça ilegal e contravenções na pesca no Rio Grande do Sul, até o fim da vida em 1963.<sup>2</sup> Em 1955, fundou a primeira entidade de proteção ambiental em sentido amplo do Estado, a União Protetora da Natureza (UPN), em São Leopoldo. Publicou cerca de 300 crônicas no jornal **Correio do Povo**, de 1957 a 1963.<sup>3</sup> Em sua atuação, referia-se a si mesmo como um “pioneiro da proteção à natureza”,<sup>4</sup> epíteto pelo qual seria conhecido depois de sua morte.

Além da **construção de si**, os amigos, colegas de trabalho e simpatizantes de sua “causa” reforçavam a edificação do pioneiro. Neste sentido, o episódio do acidente foi emblemático: a perda do pé não afetou “o seu entusiasmo pela causa” a que dedicava “seus mais ingentes esforços, como é natural nos verdadeiros pioneiros”.<sup>5</sup>

Neste artigo, o meu enfoque é a construção das memórias sobre Roessler, começando por ele mesmo, os seus colegas e amigos, ainda em vida, e continuada por outros agentes<sup>6</sup> após a sua morte, como “pioneiro”, no âmbito da ecologia como

---

<sup>1</sup> ROESSLER, H. **Relatório sobre o acidente**. São Leopoldo, 1952-1953 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>2</sup> Em 1954, Roessler foi dispensado de ambos os cargos, mas recuperou a credencial para fiscalizar a caça e a pesca no âmbito da Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul. Em minha dissertação, é possível encontrar detalhes de como era realizada essa fiscalização.

<sup>3</sup> Jornal fundado em 1895, em Porto Alegre. Nos anos 1930, “alcança a supremacia no Rio Grande do Sul, com mais de 35 mil exemplares ao dia”. KARAWEJCZYK, Mônica. **O voto da costela: o sufrágio feminino nas páginas do Correio do Povo (1930-1934)**. 2008, Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Porto Alegre, 2008, p. 90. As crônicas de Roessler saíam, inicialmente, na seção “Assuntos Rurais”, às sextas-feiras. A partir de 06/09/1958, com a criação de um suplemento, chamado **Correio do Povo Rural**, seus textos passaram a ser publicados no encarte, que circulou até 15/09/1984.

<sup>4</sup> Roessler utilizou este epíteto verbalmente, na palestra “Defendamos a natureza!”. ROESSLER, **O Rio Grande do Sul e a Ecologia** – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1986, p. 93.

<sup>5</sup> SILVA, Luciano Pereira. **Carta a Henrique Roessler**. Rio de Janeiro, 17/10/1953 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>6</sup> Entendo agente como o indivíduo construído, através da cultura e da educação; os indivíduos são agentes na medida em que atuam e lutam dentro de um campo de interesses. Toda ação é **interessada**

movimento político. Para isso, examino textos publicados a partir de seu falecimento, que provocou grande comoção em seu grupo de relações; a construção de suas memórias por entidades ambientalistas no Rio Grande do Sul que, nos anos 1970, se declararam herdeiras da UPN; e textos de homenagem póstuma.

O objetivo da análise é compreender como as memórias a respeito de Roessler foram construídas. Para isso, quero responder a algumas perguntas: quais categorias discursivas<sup>7</sup> são utilizadas para falar de Roessler, e como elas vão se modificando (ou não) ao longo do tempo? Como essa construção discursiva foi montada? E por quais agentes? Houve disputas e dissonâncias? Quem participou delas? As respostas a essas perguntas se baseiam em dados colhidos em publicações em jornais, revistas, e documentos de arquivo.

### A CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS

Michael Pollak constatou que, “por meio da socialização política, ou da socialização histórica, [possa ocorrer] um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase que herdada”.<sup>8</sup> A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo. É o trabalho de **enquadramento da memória**, que deve ser devidamente justificado, para “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum”<sup>9</sup>. O enquadramento é o trabalho necessário para chegar nos “quadros sociais da memória”, que são o resultado, a soma, a combinação de memórias de muitos membros individuais de uma sociedade.<sup>10</sup>

---

e pressupõe um **investimento**, para que o agente obtenha o que deseja, de acordo com BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado? In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 2007, p. 139.

<sup>7</sup> Utilizo a expressão “categorias discursivas”, de acordo com Foucault, para quem o discurso “é prática, e que as práticas discursivas instituem figuras sociais, constroem identidades e objetivam o fato histórico, dando-lhe visibilidade e imprimindo-lhe um sentido determinado”, tal como apresentado no artigo de RAGO, Margareth. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. **Resgate**, Campinas, nº 5, 1993, p. 28.

<sup>8</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 201.

<sup>9</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989, p. 9.

<sup>10</sup> Cf. HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Les Presses Universitaires de France, Nouvelle édition, 1952, p. 7.

Avançando a noção de Halbwachs (do quadro ao enquadramento), Pollak introduz a dimensão política da memória, afirmando que a memória de um grupo, muitas vezes, constitui-se através de “verdadeiras batalhas”, na disputa sobre qual versão predominará sobre determinado episódio. Entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido são feitas escolhas, tornando a memória e o esquecimento “os dois lados da mesma moeda”. É preciso realizar um esforço “para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo”.<sup>11</sup> No nosso caso de estudo, a memória de Roessler pode ser pensada como um “elo” aglutinador destinado a dar coerência e sentido perante a sociedade às lutas de entidades ambientalistas, nos anos 1970.

As categorias discursivas que os agentes do enquadramento das memórias sobre Roessler utilizaram após sua morte partiram dele mesmo, que as utilizou para construir-se. Documentos de seu arquivo privado indicam que ele foi o primeiro agente na construção do discurso pelo qual gostaria de ser lembrado depois de sua morte. Através da escrita, construiu-se **para si e para os outros**. Neste sentido,



a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.<sup>12</sup>

Os principais suportes escritos para a memória<sup>13</sup> que se construiria sobre Roessler são os textos na imprensa. Esses textos, em alguns casos, são acompanhados de fotos. O material iconográfico sobre o morto recebe fundamental importância por fixar a imagem pela qual ele será reconhecido, ao longo do tempo, após o seu falecimento. De fato, “há sempre uma imagem que se sobressai entre as demais, estabelecendo uma memória visual do biografado aceita coletivamente”.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989, p. 9.

<sup>12</sup> GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 14.

<sup>13</sup> Suportes para a memória “não são apenas meios de conservação, mas as próprias condições de sua elaboração” FERREIRA, Jonatas, AMARAL, Aécio. Memória eletrônica e desterritorialização. **Política & Sociedade**. Florianópolis, nº 4, abril de 2004, p. 137. A memória necessita de registros físicos para que possa perpetuar-se, através das gerações.

<sup>14</sup> ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 14, 1994, p. 210.

As memórias são sempre uma manifestação do presente; o passado é trazido à tona para legitimar posições do presente. Segundo Marieta Ferreira, a análise histórica pode “questionar a função desse passado rememorado”, entretanto, “essas memórias em circulação (...) não são boas ou más em si mesmas”.<sup>15</sup> O papel do historiador, portanto, não é julgar a memória, mas sim compreender os mecanismos através dos quais se consolida (ou não) determinada memória, porque isso acontece e quais os agentes envolvidos.

### **ROESSLER, O PRIMEIRO CONSTRUTOR DE SUA MEMÓRIA: A ESCRITA DE SI**

No documento “Dados sobre Henrique Roessler”,<sup>16</sup> Roessler produziu uma síntese autobiográfica, narrando, em três páginas, alguns fatos de sua vida. Ele não indica a data da escrita, porém, pelo conteúdo, creio que foi redigido por volta de 1952-53, durante o período de convalescença. Roessler começa expondo as “dificuldades encontradas na mocidade: descendência humilde, vivendo num meio acanhado como era S. Leopoldo de antanho”. Relata que, devido à falta de recursos, não pôde completar o curso ginásial. Trabalhou em Porto Alegre, durante três anos e, ao final deste período, voltou a São Leopoldo, onde montou um armazém. Depois de um tempo, teve que encerrar essa atividade para “servir no Exército”.

Passado o serviço militar, “exerceu as profissões liberais de desenhista, escultor de madeira, construtor de barcos e contador, das quais a última exerce até hoje para poder viver”. As diversas profissões exercidas possibilitaram o acúmulo de “economias”, através das quais adquiriu “as máquinas do Atelier de Bordados, com o qual mais tarde a esposa, Tekla, passou a sustentar a família para que o marido pudesse se dar ao luxo de manter uma Repartição Pública à sua própria custa”. O cargo de Delegado Florestal era extranumerário mensalista, tipo de contratação comum na época. No caso de Roessler, não era remunerado em folha de pagamento.

---

<sup>15</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta e PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.) **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 201.

<sup>16</sup> ROESSLER, Henrique. **Dados sobre Henrique Roessler**. s.d., 3 folhas (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

Roessler declarou que o seu interesse pela proteção à natureza veio da observação das devastações e do advento de uma extensa legislação ambiental.<sup>17</sup> Em 1939, foi nomeado Delegado Florestal, tornando-se, em suas próprias palavras, “pioneiro do Serviço Florestal no Estado”. Antes de qualquer atribuição “de fora”, era o próprio Roessler que se autodenominava “pioneiro”; através deste epíteto, ele já estava elaborando a memória pela qual desejava ser lembrado no futuro. Com a experiência adquirida nas inúmeras viagens de fiscalização *in loco*, bem como na implantação de formulários e procedimentos no incipiente órgão, acredito que Roessler desejasse ser lembrado como um funcionário público dedicado e que, como “pioneiro”, deu início à proteção à natureza no Estado.

Roessler inclui na narrativa autobiográfica referências a ameaças, a agressões e ao acidente no jipe da fiscalização, em 1952. A recuperação rápida, possibilitando que ele retornasse às fiscalizações em dez meses, conferiu-lhe certo *glamour*. Roessler repetiu incessantemente em cartas e documentos pessoais que havia ficado “aleijado”, “mutilado”, o que reforçava ainda mais sua “abnegação”. No documento citado, essas categorias discursivas também não faltaram ao tecer sua trajetória:



Mesmo **aleijado** e com a marca da **abnegação** no próprio corpo, o Delegado Regional não esmoreceu na luta contra os destruidores de toda a espécie, aproveitando o período de readaptação para desenvolver uma grande e persistente campanha de propaganda e de orientação entre a juventude escolar e elemento rural do Estado, com a colaboração do Clero e das autoridades Escolares do Estado e dos Municípios, reiniciando após 10 meses as viagens de fiscalização, que são a alma do sucesso, porque foi praticamente comprovado que só legislar não basta [grifos meus].

No final do “Relatório sobre o acidente”,<sup>18</sup> Roessler escreveu: “Este relatório tem (apenas) a finalidade de deixar documentado para o futuro a ocorrência nesse Serviço”. Roessler se percebia como alguém importante, de prestígio – por isso ele considerava conveniente deixar registrada a “sua versão” da própria vida.

Parece-me que o objetivo maior de Roessler, quando escrevia, ou falava sobre si mesmo, selecionando alguns acontecimentos de sua vida e omitindo outros, era registrar “o Roessler” que ele queria deixar para o futuro.

<sup>17</sup> Ver detalhes em: DRUMMOND, José Augusto. A legislação ambiental brasileira de 1934 a 1988: comentários de um cientista ambiental simpático ao conservacionismo. *Ambiente & Sociedade*, nº. 3 e 4, 1998-1999, p. 127-149.

<sup>18</sup> ROESSLER, H. **Relatório sobre o acidente**. São Leopoldo, 1952-1953 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

## A CONSTRUÇÃO EM TORNO DA MORTE DE ROESSLER

Segundo o atestado de óbito firmado pelo médico Élio Dickie, Roessler sofreu um ataque cardíaco fulminante, que o levou à morte em 14 de novembro de 1963, aos 66 anos.<sup>19</sup> É possível perceber certa mobilização da imprensa local em torno da morte de Roessler, porque ele era uma pessoa conhecida no Estado e detentor de relativo prestígio, devido às suas crônicas jornalísticas. Profissionais do ramo (repórteres, fotógrafos e editores), bem como amigos do falecido, foram chamados a produzir, no primeiro momento, um número especial do **Correio do Povo Rural**, publicado em 22 de novembro de 1963. Nessa edição, consta a última crônica de Roessler, e, ao redor do texto, foram reunidos “fragmentos a serem dotados de sentido e que elaborarão uma imagem abrangente sobre quem foi aquele sujeito”.<sup>20</sup>

Em geral, nos textos escritos sobre os falecidos, ocorrem algumas repetições, cuja percepção pode ser reveladora. Uma delas é a narrativa da “queda” de Roessler: ele não teria simplesmente morrido, teria **tombado**. O discurso do General Mário Fonseca (amigo pessoal, um dos sócios-fundadores da UPN) no funeral de Roessler foi publicado nesse **Correio do Povo Rural** especial, ao lado de outros textos dedicados a Roessler. Para Fonseca, “só mesmo a morte, implacável e fria, inexorável e invencível, poderia derrubar um gigante dessa envergadura moral. Faleceu repentinamente (...). Caiu como tomba um jequitibá altamente fulminado por um raio”.<sup>21</sup>

Em outro texto, por ocasião do segundo aniversário do seu falecimento, Roessler foi apresentado como “um abnegado que tombou fulminado, empunhando a bandeira de seu idealismo”.<sup>22</sup> A imagem reapareceu em reportagem de 1974, quando Roessler recebeu homenagem no dia 20 de setembro, dentro do programa de atos alusivos ao Sesquicentenário da Imigração Alemã, em São Leopoldo. Na ocasião,

---

<sup>19</sup> CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL. **Certidão de Óbito**. São Leopoldo, 20/11/1963 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>20</sup> RONDELLI, Elizabeth, HERSCHMANN, Micael. Os media e a construção do biográfico: a morte em cena. In: SCHMIDT, Benito (Org). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 289-290.

<sup>21</sup> FONSECA, Mário. Um grande homem. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 22/11/1963, p. 5 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>22</sup> COSTA, Antônio José. Em memória de Henrique Luiz Roessler. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 12/11/1965, s/p (Museu Visconde de São Leopoldo).

Fonseca proferiu discurso novamente, considerando que “Roessler foi um grande homem. Tombou como um jequitibá da floresta fulminado por um raio”.<sup>23</sup>

Na edição de 22 de novembro de 1963 do **Correio do Povo Rural** dedicado a Roessler, foram publicados, além do discurso do Gen. Fonseca, outros cinco textos que são significativos para que uma determinada memória sobre o nosso personagem fosse consolidada. Os títulos de três deles contêm epítetos que dizem muito sobre como os autores lembram-se do falecido. A reportagem de maior destaque, nas páginas centrais do suplemento, intitula-se “Morreu Roessler, o ‘protetor da natureza’”, e é acompanhada de fotos em que ele aparece plantando uma árvore. O autor do artigo, Vinícius Bossle, escreveu que a vida de Roessler, o “‘Protetor da Natureza’, deve ser olhada como um exemplo de idealismo, de amor e de coragem”.<sup>24</sup>

Em “Desaparece um bravo!”, de autoria de Dirceu Telles, consta que a morte de Roessler geraria uma série de perdas, “a UPN perde um grande batalhador; o **Correio do Povo** um colaborador assíduo e combativo; a flora, a fauna e todos os que as defendem, veem-se privados de um grande e sincero amigo”. Os exemplos de outros países são evocados nesse artigo, como Inglaterra, Canadá e Estados Unidos, que teriam inspirado “Roessler nos seus trabalhos, porque ele era um patriota, um bravo (...) o Rio Grande do Sul e o Brasil assumiram uma grande dívida para com esse homem intimorato e bem intencionado”. O autor sugere, inclusive, que a cidade de São Leopoldo erguesse um busto no local onde está situado o Jardim Zoológico e, no pedestal, mais ou menos, estes dizeres: “HENRIQUE LUIZ ROESSLER, Presidente da União Protetora da Natureza, um dos mais eficientes guardas florestais do Brasil, exemplo para todos aqueles que amam e defendem nossas matas e nossos animais [grifo do autor]”.<sup>25</sup>

O terceiro texto a que me referi acima, com o título “Morreu o protetor da natureza”, reforça o epíteto presente no artigo de Bossle. Para o autor, Antônio José

---

<sup>23</sup> HENRIQUE LUIZ Roessler: Um símbolo do Amor à Natureza. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 27/09/1974, p. 17 (Museu Visconde de São Leopoldo) O Jequitibá é uma grande árvore nativa do território brasileiro; ao comparar Roessler com um jequitibá, os autores realçavam sua grandeza, além de torná-lo quase um elemento da natureza, da floresta, que foi defendida por ele inúmeras vezes.

<sup>24</sup> BOSSLE, Vinícius. Morreu Roessler, o “protetor da natureza”. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 22/11/1963, p. 4-5 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>25</sup> TERRES, Dirceu. Desaparece um bravo! **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 22/11/1963, p. 16 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).



Costa, “Roessler foi o maior guarda florestal e o mais eficiente fiscal de caça e pesca de todo o Brasil. (...) No cumprimento de suas funções sempre foi honesto e incorruptível”. Aparece aqui a ênfase no bom caráter do “protetor”. Além disso, o texto sugere que a dimensão do trabalho de Roessler seja ampliada do Rio Grande do Sul para “todo o Brasil”. Em vista disso, Costa considera ser necessário “perpetuar a memória do saudoso Roessler, sem dúvida alguma, um dever do Rio Grande do Sul e do Brasil, principalmente os caçadores e os pescadores conscienciosos”. Lança um apelo aos Clubes de Caça e Pesca, às escolas rurais e à Câmara de Vereadores de São Leopoldo “para que inaugurem em suas sedes o retrato daquele que foi um mártir em defesa de nossa fauna”.<sup>26</sup>

Podemos perceber que os três artigos, além de exaltar o caráter “bravo”, o idealismo, a coragem, o patriotismo e até mesmo o “martírio” de Roessler, lançam sugestões de propostas para “perpetuar” sua memória. Ocorreu, de fato, certa monumentalização de Roessler, a quem foram dedicados vários “lugares de memória”: um parque, uma rua e uma ponte têm seu nome em São Leopoldo, um parque em Novo Hamburgo e uma praça em Porto Alegre.

Além dos textos impressos nas páginas centrais do **Correio do Povo Rural** especial, havia fotos de Roessler. Uma sequência de três fotografias mostra Roessler plantando uma árvore. A intenção de mostrá-lo no ato da plantação pode ter sido a de reforçar a ideia de “protetor da natureza”.



<sup>26</sup> COSTA, Antônio José. Morreu o protetor da natureza. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 22/11/1963, p. 16 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

Figura 1 - Roessler plantando árvore. Fonte: **Correio do Povo Rural**, 22/11/1963, p. 4.

No caso de Roessler, há também uma foto “oficial”, que aparece recorrentemente em livros, reportagens e em um pôster na entrada da Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler (FEPAM), da qual Roessler foi escolhido patrono, que o mostra na faixa dos 40-50 anos:



Figura 21 – **Roessler**. Fonte: APHR (S/data).

A imagem escolhida, em diversos momentos, por diferentes pessoas, é de um Roessler mais maduro, com o olhar ao longe, à frente, semblante sério; talvez ela seja, dentre outras possibilidades (outras fotos, em outros momentos do personagem), a que melhor ilustre as mensagens textuais sobre ele, ao sugerir uma personalidade forte e “visionária”.

### **A CONSTRUÇÃO DO “PIONEIRO” POR ENTIDADES ECOLOGISTAS**

Em 27 de abril de 1971, foi fundada a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), em Porto Alegre. A entidade anunciou, já no início, que estava sendo criada com a finalidade principal de “educar o povo para a preservação e conservação dos bens naturais”.<sup>27</sup> Declarou também que teria “como escopo os ideais conservacionistas de Henrique Luiz Roessler, do padre e botânico Balduino Rambo e do geógrafo Antonio Teixeira Guerra, objetivando em sua linha de ação o combate aos predadores do ambiente natural em seus mais variados campos – flora, fauna, solo, rios, mares, atmosfera, belezas paisagísticas e ruídos ambientais”.<sup>28</sup> No **Programa de Luta**

<sup>27</sup> PORTO ALEGRE tem associação para proteger a natureza. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 04/06/1971(a), s.p. (Arquivo Privado de Augusto Carneiro).

<sup>28</sup> CRIADA NO Rio Grande do Sul uma sociedade de defesa do meio natural. **Folha da Tarde**. Porto Alegre, 04/06/1971(b), s.p. (Arquivo Privado de Augusto Carneiro).

da AGAPAN,<sup>29</sup> os nomes de Roessler, Rambo e Guerra também aparecem como patronos; Roessler é citado primeiro, acima dos outros dois homenageados.

Augusto Carneiro, um dos fundadores da AGAPAN, lera as crônicas de Roessler no **Correio do Povo**, porém nunca o encontrou pessoalmente. Ele apresentou os textos aos outros fundadores, entre eles José Lutzenberger e Hilda Zimmermann, que resolveram homenageá-lo como patrono da entidade.

Na construção de si operada por Roessler, ele se autodenominava “pioneiro do Serviço Florestal no Rio Grande do Sul”. No entanto, membros da AGAPAN que admiravam Roessler<sup>30</sup> alçaram-no a “pioneiro da ecologia”, e até mesmo a “fundador da ecologia política no Brasil”.<sup>31</sup> Segundo Bones e Hasse, “tendo Roessler e Rambo por patronos, o movimento ambientalista gaúcho foi colocado de pé, formalmente, em 1971, quando um grupo de amantes da natureza fundou a AGAPAN”.<sup>32</sup>

Na época em que Roessler desenvolveu o seu projeto, o conceito de ecologia ainda não estava popularizado; o uso da palavra “só se tornou corrente para o grande público no início dos anos 1970”.<sup>33</sup> No início do século XIX, em 1805, Humboldt praticava uma “geografia das plantas”, de certa forma já um ensaio da ciência da ecologia, termo cunhado por Ernest Haeckel, em 1866, para designar uma nova disciplina científica. No século XX, a ecologia natural “se desenvolveu enormemente, formulou conceitos precisos e cunhou uma linguagem própria”. Todo esse conhecimento se fundamenta no conceito de ecossistema, constatando que “os

---

<sup>29</sup> AGAPAN. **Programa de Luta**. Porto Alegre, 27 de abril de 1971 (Arquivo Privado de Augusto Carneiro).

<sup>30</sup> Um dos membros-fundadores da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, o jornalista Nicolau Campos, era uma espécie de “seguidor de Roessler”, segundo CARNEIRO, Augusto Cunha. **A História do Ambientalismo**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2003, p. 17. Campos publicou diversas crônicas sobre proteção da natureza; numa delas, lembrando os dez anos do falecimento de Roessler, o jornalista considera que, no Rio Grande do Sul, Roessler foi “o pioneiro do movimento conservacionista, um lutador intransigente da desprotegida e magoada natureza”. CAMPOS, Nicolau. A morte do conservacionista. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 21/12/1973, p. 18 (Museu Visconde de São Leopoldo).

<sup>31</sup> Esta afirmação aparece no livro organizado pela AGAPAN em 1986: ROESSLER, **O Rio Grande do Sul e a Ecologia** – Crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1986, p. 8.

<sup>32</sup> BONES, Elmar, HASSE, Geraldo. **Pioneiros da Ecologia: Breve História do Movimento Ambientalista no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 2002, p. 29.

<sup>33</sup> ACOT, Pascal. **História da Ecologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990, p. 7.

elementos da natureza não existem isolados uns dos outros, mas sim tendem a se combinar em sistemas complexos”.<sup>34</sup>

No final dos anos 1960, quando grupos marginalizados começaram a reivindicar espaço na sociedade, o termo ecologia ganhou sentido político. Os grupos que constituíam movimentos ecologistas em todo o mundo, na virada da década de 1960 para 1970, em geral, entendiam que apenas uma mudança global nas estruturas econômicas, sociais e culturais poderia apontar soluções para a crise ambiental. O modelo dominante era percebido como ecologicamente insustentável e socialmente injusto. Segundo Lago e Pádua,

a política ecologista, portanto, não se preocupa apenas em garantir a sobrevivência da espécie humana, mas sim em garantir essa sobrevivência pela construção de formas sociais e culturais que permitam a existência de uma sociedade não-opressiva, igualitária, fraterna e libertária.<sup>35</sup>

Num contexto de surgimento da ecologia como movimento de contestação política e social no Rio Grande do Sul, ocorre, então, a construção do “pioneiro do movimento conservacionista” e do “pioneiro da ecologia”, por parte de ecologistas nos anos 1970-80, depois da morte de Roessler. De certa forma, membros da AGAPAN recuperaram a imagem de Roessler como “precursor”, “pioneiro”, que viveu em um momento anterior, mas que tinha as qualidades com as quais o movimento queria identificar-se. Pollak chama esse fenômeno de “projeção e transferência”:<sup>36</sup> a entidade ecologista projetou-se no passado e transferiu para si os elementos que caracterizaram o trabalho de Roessler. Neste caso, Roessler foi apropriado como herança para o movimento ecologista, na formação de sua identidade como sujeito político, no Rio Grande do Sul, nos anos 1970-80, talvez com o objetivo de construir uma tradição, uma continuidade no tempo. Deu-se, portanto, o enquadramento das memórias sobre Roessler, ajustando-o às novas condições de possibilidade, em que a ideia de ecologia era importante na consolidação de um novo movimento social.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> LAGO, Antônio, PÁDUA, José Augusto. **O que é ecologia**. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1985, p. 17.

<sup>35</sup> Ibid., p. 37.

<sup>36</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, 1992, p. 202.

<sup>37</sup> Para maiores detalhes sobre os “novos movimentos sociais”, consultar SCHERER-WARREN, Ilse. KRISCHKE, Paulo J. **Uma Revolução no Cotidiano?** Os novos movimentos sociais na América Latina. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 40.

A AGAPAN inspirou a criação de entidades semelhantes em outras cidades do Estado. Uma das mais atuantes foi a chamada AGAPAN-NL, fundada em 13 de julho de 1971, em São Leopoldo, apenas três meses após a AGAPAN porto alegreense.

Em 30 de novembro de 1987, houve a mudança de nome, com a desvinculação da AGAPAN Porto Alegre. A entidade de São Leopoldo passou a denominar-se União Protetora do Ambiente Natural. A UPAN também elegeu Henrique Roessler como o seu patrono. O novo nome tinha o objetivo de homenageá-lo e resgatar de alguma maneira a União Protetora da Natureza (UPN). Um dos fundadores da UPAN, Renato Petry Leal, afirmou que “a ideia inicial era de reativar a UPN, pois ela encontrava-se praticamente desativada desde a morte de seu fundador, em 14 de novembro de 1963. Mas a tentativa foi frustrada diante de entraves burocráticos do estatuto e pela inviabilidade de reunir os associados dispersos pelo RS”.<sup>38</sup>

No portal eletrônico da UPAN na *internet* consta que “entre seus mentores estão personalidades como José Lutzenberger e Henrique Luiz Roessler”. Lutzenberger, um dos ambientalistas de maior renome no Brasil e no exterior, falecido em 2002, aparece ao lado de Roessler, que a entidade reconhece como “pioneiro ambientalista leopoldense”.<sup>39</sup> Tanto Roessler quanto Lutzenberger podem ser considerados os dois mais importantes agentes pela defesa ambiental no Rio Grande do Sul, em seus respectivos contextos de atuação.

Novo Hamburgo, outro município do Vale do Rio dos Sinos, ganhou uma entidade ecologista em 16 de junho de 1978. Os fundadores foram o professor de ecologia da escola da Fundação Evangélica, Kurt Schmeling, alguns de seus alunos, como José Roberto Silveira e Cristine Beck, e outros. O Movimento Roessler surgiu com a Operação Hermenegildo, uma das grandes batalhas do movimento ecologista no Rio Grande do Sul, em função da mortandade de peixes e mariscos na praia do Hermenegildo, em Santa Vitória do Palmar.<sup>40</sup> Houve uma coalizão de forças entre diversas entidades, especialmente pela AGAPAN e a Associação Democrática Feminina

---

<sup>38</sup> LINK, Márcio. **Para além do ambientalismo**: uma história em duas décadas. São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 105.

<sup>39</sup> UPAN. Disponível em: <[http://www.upan.org.br/a\\_upan.htm](http://www.upan.org.br/a_upan.htm)>. Acesso em 2 de fevereiro de 2010.

<sup>40</sup> Sobre a Operação Hermenegildo, consultar PEREIRA, Elenita Malta. A árvore da João Pessoa e a Operação Hermenegildo: dois episódios de resistência do movimento ambientalista gaúcho. In: **VII Mostra de Pesquisa do APERS**, 2009, Porto Alegre. Anais: Produzindo história a partir de fontes primárias. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 01 a 15 de agosto de 2009, 209 p.

Gaúcha (ADFG). O impacto da luta foi tão importante que pessoas simpáticas ao tema da ecologia resolveram fundar essa entidade em Novo Hamburgo.

Numa entrevista ao jornal **NH**, fundadores do Movimento Roessler relataram que, além da Operação Hermenegildo, a motivação para organizar uma entidade em Novo Hamburgo veio de uma pesquisa realizada para a aula de ecologia do professor Schmeling na Fundação Evangélica, sobre áreas verdes na cidade. Os alunos descobriram que Novo Hamburgo não tinha nenhuma área de preservação ambiental. Sérgio Rolim, um dos membros entrevistados, declarou que foi influenciado por uma edição do programa “Globo Repórter”, que “mostrou a vergonha que é o tratamento de nossa alimentação com pesticidas”.<sup>41</sup> Para Schmeling, a tragédia de Hermenegildo “contribuiu decisivamente para criar um momento psicológico favorável”.<sup>42</sup>

Em outra entrevista concedida por Schmeling, disponível no portal eletrônico do Movimento Roessler, ele afirmou que começou a se envolver com ecologia na juventude; quando estudante fez um trabalho escolar sobre a “lojinha do Roessler” (provavelmente o atelier de bordados de sua esposa). Quando era diretor da escola Fundação Evangélica, convidou Roessler para “ajudar no reflorestamento do morro da Fundação e no plantio de ipês de acesso à escola. Ele veio várias vezes, sempre impressionando por seu empenho e altruísmo”. Schmeling relatou também que o nome da entidade foi sugerido por um dos fundadores, José Ferlauto, que “andou estudando o trabalho dele [Roessler]”.<sup>43</sup> O fato de Schmeling ter conhecido pessoalmente Roessler parece ter pesado na organização da entidade.

O Movimento Roessler, na figura do professor Schmeling, principalmente, assim como a UPAN, foram alguns dos agentes construtores da memória que circula e se reelabora até hoje sobre Roessler no Vale do Rio dos Sinos. Pode se perceber, portanto, o fascínio que o projeto de Roessler exerceu sobre o movimento ecologista gaúcho posterior, pois foi reivindicado por várias entidades no Rio Grande do Sul. Foram colher aspectos do trabalho de Roessler num passado que alguns de seus

---

<sup>41</sup> MOVIMENTO ROESSLER quer preservar o meio ambiente e lutar contra a poluição. **NH**. Novo Hamburgo, 10/07/1978, p. 8 (Arquivo Privado de Kurt Schmeling).

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> ENTREVISTA KURT Schmeling. Disponível em: <<http://roessler.org.br>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2010.

integrantes compartilharam,<sup>44</sup> com as finalidades de exaltar e constituir o seu próprio capital de memória<sup>45</sup> e de legitimar as suas reivindicações ambientais perante a sociedade.

### AS COMEMORAÇÕES: DATAS PARA LEMBRAR ROESSLER

Comemorar é um fenômeno do século XX, quando, em meio a transformações tão rápidas em função da mundialização da economia e dos padrões culturais, passamos a “valorizar o presente e a expectativa de futuro”, mas, ao mesmo tempo, ocupamo-nos do passado “ao marcar eventos fundadores”.<sup>46</sup> No caso de Roessler, as comemorações parecem estar bem marcadas: a maior quantidade de textos escritos para lembrar-se dele tem sido veiculada quando fecham décadas de seu falecimento. Houve também as comemorações de 100 e 110 anos de seu nascimento, nos municípios do Vale do Rio dos Sinos. Selecionei alguns documentos que, acredito, contribuíram para continuar a construção das memórias sobre Roessler. Eles são representativos também no sentido de não deixar que o seu projeto de proteção à natureza seja esquecido.

Quando se completaram dez anos da morte de Roessler, apareceram muitos textos sobre ele em jornais. Escolhi alguns exemplos nos quais verificamos a presença de categorias discursivas nas evocações da memória de Roessler, especialmente no que tange ao caráter antecipatório de sua obra.

Existem pessoas que se **antecipam** aos conhecimentos do seu tempo e servem como verdadeiras sentinelas para preservarem as comunidades de erros que poderiam ser irreparáveis. Roessler foi um homem com essas qualificações.<sup>47</sup>

Transcorreu [sic] ontem 10 anos da morte de um grande brasileiro e cidadão do mundo. Em 14 de novembro de 1963 faleceu Henrique

---

<sup>44</sup> Alguns dos membros da UPN ajudaram a fundar as entidades citadas, como por exemplo, o padre jesuíta Clemente Steffen, um dos fundadores da AGAPAN, e Kurt Schmeling, do Movimento Roessler.

<sup>45</sup> Inspiro-me em HEYMANN, Luciana Quillet. O dever de *mémoire* na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. In: GOMES, Ângela de Castro. **Direitos e cidadania**. Memória, política e cultura. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 27.

<sup>46</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do descobrimento. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 14, nº 26, 2000, p. 184.

<sup>47</sup> O PIONEIRO ROESSLER. **Recorte s/identificação**, 14/11/1973, s/p (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

Luiz Roessler, gaúcho, natural de São Leopoldo, uma figura imponente que se **adiantou** ao seu tempo.<sup>48</sup>

Quando todo o país, e principalmente o Rio Grande do Sul, volta-se para o problema da poluição, todos lembram um homem que, falecido há dez anos, foi **o primeiro** a tratar do problema e tornou-se o defensor número 1 da natureza.<sup>49</sup>

A 14 de novembro de 1963 faleceu Henrique Roessler. (...) Em 1963: **um profeta** das selvas... Hoje, dez anos após sua morte, a causa pela qual empenhava toda a sua pessoa preocupa as pessoas de larga visão.<sup>50</sup>

Muita gente já o esqueceu [Roessler], mas para os conservacionistas gaúchos ele ainda, ao longo destes dez anos, vem sendo lembrado por seu trabalho dedicado ao movimento ambientalista (...). Ainda lembramo-nos dos seus excelentes artigos (...). **Já naqueles tempos** clamava providências de nossas autoridades quanto à incrível destruição de nossas matas nativas realizada por madeireiros, ou como ele sempre dizia “fazedores de desertos”.<sup>51</sup>

Analisando os textos em bloco, nota-se a ênfase no caráter antecipatório do trabalho de Roessler, sintetizada nas palavras e expressões por mim grifadas –“se antecipam”, “se adiantou ao seu tempo”, “larga visão”, “primeiro”, “profeta das selvas”, “já naqueles tempos”. Há um esforço dos articulistas para reforçar a memória dele como “pioneiro” e “visionário”. Contudo, os problemas enfrentados por Roessler eram próprios do contexto vivido por ele, ou seja, já estavam colocados na época. É claro que o nosso personagem se preocupava com o futuro, mas no sentido de perceber que, se algo não fosse feito, a situação só tenderia a piorar (o que de fato ocorreu). Não era como se ele estivesse prevendo **algo que só ia ocorrer no futuro**.

Aos 25 anos da morte de Roessler (1988), foi publicada uma reportagem comemorativa, de duas páginas, ilustrada com a sua “foto oficial” (ver Figura 2). Na ocasião, o jornal **Zero Hora** entrevistou o seu filho Milton, que declarou que o início “foi muito brabo (...) ninguém acreditava em Ecologia. As pessoas não entendiam porque preservar o mato ou os animais se isso era uma coisa que nunca ia terminar”. A

---

<sup>48</sup> 10 ANOS DA Morte de H. L. Roessler. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 15/11/1973, s.p. (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>49</sup> HÁ DEZ anos falecia Roessler, o protetor nº 1 da natureza. **VS**. São Leopoldo, 22/11/1973, s.p. (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>50</sup> SCHMELING, Kurt. Henrique Luiz Roessler. **VS**. São Leopoldo, 22/11/1973, s.p. (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>51</sup> CAMPOS, Nicolau. A morte do conservacionista. **Correio do Povo Rural**. Porto Alegre, 21/12/1973, p. 18 (Museu Visconde de São Leopoldo).



matéria continua, afirmando que Roessler era chamado de “visionário, louco e lunático, entre outras expressões semelhantes (...) ele trabalhava dedicadamente plantando as sementes do futuro movimento ecológico”.<sup>52</sup> É interessante observar que aqui (na memória de Milton sobre o pai), a palavra “visionário” tem sentido depreciativo, associada a “louco”, “lunático”, diferente dos textos mencionados acima, que utilizam o termo como qualidade atribuída ao nosso personagem, como se este tivesse a capacidade de prever o futuro.

Da passagem dos 30 anos da morte de Roessler, destaco o texto do presidente da UPAN, Abel Ignácio da Silveira, relatando a homenagem realizada no jazigo da família Roessler, no cemitério de São Leopoldo. Segundo Silveira, houve uma cerimônia religiosa e a benção do reverendo da Igreja Episcopal de São Leopoldo, na presença de “um grupo de amigos, seus familiares e representantes das entidades ecológicas de Canoas, Novo Hamburgo e São Leopoldo”.<sup>53</sup> O autor afirma ter feito “uso da palavra, rememorando fatos ilustrativos em relação ao trabalho profícuo e às vezes anônimo do Sr. Roessler, durante várias décadas, em defesa da ecologia”.

Quando se completaram 100 anos do aniversário de Roessler (1996), houve comemorações nas cidades próximas de onde viveu. Um seminário foi realizado na Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo - Feevale, um evento na antiga sede da Unisinos,<sup>54</sup> e textos foram publicados na imprensa local. No ano anterior ocorrera uma exposição fotográfica comemorativa aos 99 anos (marcando o início das homenagens pelos 100 anos), denominada “Porto Alegre – Encontro das Paisagens do MERCOSUL”, que reuniu fotos de paisagens naturais do Chile, Argentina, Uruguai e do Sul do Brasil. A exposição foi organizada pelo Movimento Roessler. Acompanhando a notícia da exposição, há uma reportagem alusiva a Roessler, que o considera “o primeiro ecologista do Brasil”.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> TOSI, Juarez. Há 25 anos, Estado perdeu seu primeiro defensor da ecologia. **Zero Hora**. Porto Alegre, 13 de novembro de 1988, s. p. (Arquivo Privado de Augusto Carneiro).

<sup>53</sup> SILVEIRA, Abel Ignácio da. **Homenagem a Henrique Luiz Roessler** (Discurso). São Leopoldo, 16/11/1993 (Arquivo Privado de Henrique Roessler).

<sup>54</sup> ANIVERSÁRIO EM MEMÓRIA. **Rua Grande**. São Leopoldo, 08/11/1996, p. 22 (Museu Visconde de São Leopoldo).

<sup>55</sup> GAÚCHOS LEMBRAM 100 anos de Roessler. **NH**. Novo Hamburgo, 16/11/1995, p. 48 (Arquivo Privado de Kurt Schmeling).

Os textos jornalísticos alusivos aos 100 anos de Roessler retomam algumas categorias discursivas agenciadas anteriormente. Um deles considera que quando Roessler foi nomeado Delegado Florestal,

era completamente anormal alguém falar e atuar em defesa dos animais, das árvores, da pureza das águas e da fertilidade do solo. Roessler vivia à frente de seu tempo, e **velho louco** ou **visionário** foram apenas alguns dos adjetivos que recebeu em consequência da cultura e da ignorância vigentes na época.<sup>56</sup>

Podemos perceber mais uma vez o esforço para realçar o pioneirismo de Roessler, na expressão de que era “completamente anormal” falar em defesa ambiental em sua época. Abel Silveira escreveu novamente sobre Roessler, para comemorar o “centenário do nascimento do pai da ecologia”. O ambientalista inicia o seu artigo afirmando que

há criaturas predestinadas por Deus a amar e louvar a criação através de obras profundas e remarcáveis. Assim foi Henrique Luiz Roessler (...) incansável, sério, correto, bom, de atitudes inabaláveis, homem de elevada estatura, de notável cultura, um gigante de ébano quando defendia com bravura a natureza.<sup>57</sup>

Voltou a ideia de “visionário”, homem “à frente de seu tempo” e do “gigante de ébano” – aludindo a uma árvore, semelhante ao que vimos em relação ao jequitibá.

Por fim, em novembro de 2006, foram comemorados 110 anos de nascimento de Roessler. Dessa vez, a iniciativa foi governamental, através da Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler - Fepam. De 8 a 16 de novembro houve uma série de comemorações, na programação da II Semana Roessler (a primeira foi realizada em 2005), “criada para destacar a atuação de Henrique Luiz Roessler, um dos mais importantes ambientalistas do Rio Grande do Sul e, devido a esta condição, patrono da Fepam”.<sup>58</sup> Dentre os eventos, ocorreu uma mostra de vídeos sobre a sustentabilidade da Mata Atlântica e do bioma Pampa e a entrega do Prêmio Fepam de Jornalismo Ambiental. No dia do aniversário de Roessler, 16 de novembro, houve a

<sup>56</sup> 100 ANOS de Roessler. VS. São Leopoldo, 11/11/1996, s/p (Arquivo Privado de Kurt Schmeling).

<sup>57</sup> CENTENÁRIO DO nascimento do Pai da Ecologia: Henrique Luiz Roessler. **São Leo em Revista**. São Leopoldo, 11/1996, p. 14 (Museu Visconde de São Leopoldo).

<sup>58</sup> GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fepam abre programação da Semana Roessler**. Disponível em: <http://www.estado.rs.gov.br/direciona.php?key=Y2FwYT0xJmludD1ub3RpY2lhJm5vdGlkPTU0MTAyJnBhZz0xMTM0JmVkaXRvcmlhPSZtaWRpYT0mbWVudT0mb3JpZz0x>. Acesso em 05 de fevereiro de 2010.

entrega de 496 exemplares de **O Rio Grande do Sul e a Ecologia: crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo**<sup>59</sup> ao Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Estado e o lançamento do Projeto Casa de Cultura Ecológica Henrique Luiz Roessler, localizada junto à primeira casa onde ele morou, nas margens do rio dos Sinos, em São Leopoldo.

Diante de tantos textos e homenagens de jornalistas, ambientalistas e amigos de Roessler agindo na construção de um “pioneiro da ecologia”, foi difícil encontrar vozes dissidentes. Durante as fiscalizações da caça e da pesca, Roessler envolveu-se em episódios com violência física e simbólica. A passarinhada, uma prática cultural dos descendentes de grupos étnicos italianos que colonizaram a região nordeste do Rio Grande do Sul, foi motivo de sérios confrontos, que hoje poderiam motivar memórias dissonantes. Caçadores de passarinhos moveram processos judiciais contra Roessler e instigaram uma campanha difamatória no rádio e na imprensa escrita da região. Procurei contatar pessoas envolvidas nesses episódios, nos municípios que foram palco do que considere uma “luta de representações” de caráter étnico.<sup>60</sup> Talvez elas se lembrassem da atuação de Roessler contra a passarinhada. Consegui contato com um dos descendentes dos caçadores que moveram um processo judicial contra Roessler. No entanto, nem o descendente, Sr. Virgilino Boldo, nem conhecidos de seu pai, ou pessoas idosas que habitam na área rural da região não se lembram mais daqueles episódios.

Pelo que pude verificar, não houve disputas políticas em torno de sua memória. Na época em que Roessler atuou, não havia partidos políticos engajados em questões ecológicas. Ele era simpático ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e admirava Vargas, por ter publicado os primeiros códigos de proteção ambiental, nos anos 1930. Entre as entidades ecologistas, como foi dito, ele é admirado e vinculado a elas como capital de memória, ao que os documentos indicam, de maneira pacífica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>59</sup> A Fepam, em 2005, patrocinou uma segunda edição do livro editado pela AGAPAN em 1986.

<sup>60</sup> Para um aprofundamento dessas questões, ver: PEREIRA, Elenita, WEBER, Regina. Roessler vs. Bird Hunters: “Passarinhada” and Ethnic Conflicts in the South of Brazil. **Miradas en Movimiento**. Special Volume Naturally Immigrants. Espacio de Estudios Migratorios, Michigan University, Jan 2012. Disponível em: <[http://espaciodeestudiosmigratorios.org/es/miradas-en-movimiento-mem/volumenes/naturally-immigrants/cat\\_view/74-volumen-especial](http://espaciodeestudiosmigratorios.org/es/miradas-en-movimiento-mem/volumenes/naturally-immigrants/cat_view/74-volumen-especial)>.

Constatamos uma memória fortemente consolidada de Henrique Luiz Roessler como “pioneiro da ecologia”. Na pesquisa, não foram encontradas dissonâncias, tampouco disputas em torno de sua figura.

O primeiro agente a construir o “pioneiro” foi o próprio Roessler, em seus textos e documentos privados. Ao autodenominar-se “pioneiro do Serviço Florestal” e “pioneiro da proteção à natureza”, já construía o personagem de si mesmo, como gostaria de ser lembrado no futuro.

A morte repentina de Roessler, em 1963, provocou vários discursos que se apropriaram dos epítetos já enunciados por ele próprio. Além da categoria discursiva de “pioneiro”, o caráter “abnegado” e “dedicado” com que trabalhava foi enfatizado para homenageá-lo na imprensa.

A construção *post mortem* da memória de Roessler foi elaborada por diversos agentes. Fundadores da AGAPAN, UPAN, Movimento Roessler e Fepam - instituíram-no como patrono de suas entidades. Augusto Carneiro foi o ambientalista que mais contribuiu, individualmente, para a construção do “pioneiro da ecologia”, selecionando as crônicas a serem publicadas em livro e promovendo a guarda de documentação em seu arquivo particular. Também amigos, como o General Mário Fonseca, e diversos jornalistas, provavelmente simpáticos à causa do ambientalismo, publicaram textos na imprensa, reforçando o caráter pioneiro do trabalho de Roessler.

Há, contudo, uma mudança do “pioneiro” construído pelo próprio Roessler e os seus contemporâneos até o “pioneiro” que os agentes continuaram construindo após sua morte. Isso ocorreu porque que as condições de possibilidade para o teor dos discursos eram diferentes nos anos 1930-50, em que Roessler atuou, das que existiram mais tarde, nos anos 1970 em diante. O primeiro pioneiro, influenciado pelo contexto mais amplo em que estava inserido - em que proteger a natureza era prova de amor à Pátria -, pelas leituras disponíveis e pelas posições ocupadas nos cargos públicos, autodenominou-se “pioneiro da proteção à natureza no Rio Grande do Sul”. Já a construção *a posteriori* possibilitava a inclusão da palavra ecologia, pois ela transpôs os limiares acadêmicos e se tornou cada vez mais popular, transformando-se em termo de uso corrente na sociedade.

Os suportes para a memória de Roessler mais utilizados pelos agentes foram os documentos escritos, especialmente reportagens publicadas na imprensa local. Há uma

preocupação desses agentes (jornalistas e ambientalistas), que fica evidente na combinação de datas e textos, talvez para garantir maior atenção dos leitores.

Na construção da memória de Roessler, até chegar no “pioneiro da ecologia”, toda uma malha discursiva foi entrelaçada, com o objetivo de construir uma tradição de proteção à natureza para o Rio Grande do Sul. No enquadramento das memórias sobre Roessler, portanto, houve a identificação com um passado de lutas pela natureza e com uma conduta exemplar. Roessler foi transformado tanto por entidades e sujeitos ambientalistas, como pelo próprio Estado, através de órgãos públicos, de “pioneiro da proteção à natureza”, em “pioneiro da ecologia”.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)